

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.533

Sexta-feira, 23 de Novembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-G

Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Um administrador de fa-
lências ameaça os di-
reitos de 80 inquilinos

OS INOCENTES RECLAMAM JUSTIÇA

O presidente de ministério e o governador civil

Os presos que se encontram em São Julião da Barra há cinco meses sem culpa formada estão completamente inocentes.

prometeram regularizar o mais depressa

— possível a situação dos presos —

de São Julião da Barra

Num país onde realmente houvesse um espírito de democracia não se suportaria nem cinco dias um a injustiça tam revoltante.

Os operários presos não pedem favores — reclamam simplesmente justiça!

O Sindicalismo e a politica

Tem o sindicalismo inimigos em todas as ideias políticas. Longe de ser uma injustiça essa animosidade representa para o sindicalismo o seu maior elogio. Sempre que o ataque ao sindicalismo se intensifica verifica-se que a sua acção permanece de acôrdo, com a lógica dos seus métodos. Há diferentes maneiras de atacar. Os ataques menos perigosos são exactamente aqueles que são movidos com a maior violência. E' que os ataques violentos não deixam ilusões, não permitem confusões. Diante deles, o sindicalismo torna-se aguçado, concentra-se, fortifica-se, prepara-se para a defesa. Combater dessa forma o sindicalismo equivale ao enfiar das intenções dos seus adversários. A organização operária portuguesa tem sofrido ataques violentíssimos. Basta recordar, para exemplo, os que lhes moveram Afonso Costa e Sidónio Pais. Afonso Costa caiu porque se baseava numa habilidade, o sindicalismo ficou porque assenta numa realidade. Sidónio Pais, supôs vibrar-lhe um golpe mortal. Só na aparência o foi. A organização operária resurgiu mais forte e Sidónio Pais está numa urna de vidro nos Jerónimos. Para ganhar essa força, para adquirir métodos eficazes, experimentados pelas classes operárias nas suas batalhas ao capital, o sindicalismo teve de depurar-se da influência politica. Em face da reacção a mais acentuada, como diante da etiqueta politica a mais vermelha, afirmou mais do que a sua independência. Afirmou o seu antagonismo. As massas que são escravas na monarquia absoluta, ilusoriamente livres na monarquia constitucional, fingidamente soberanas na democracia, encontram-se enfim, em plena liberdade, caminhando pelas consequências da sua acção a forjar pelas suas próprias mãos, o futuro.

massa amorfa, sem fisionomia, sem acção própria, está bem dentro das monarquias e das democracias. O sindicalismo encontrou essa expressão vaga e quimérica. Olhou para as realidades económicas. E' de acôrdo com elas que está organizado. Será ainda de acôrdo com elas que a sua organização há-de evoluir. E essa evolução em vez de o arredar da sua acção, torná-lo-há mais apto a realizar a grande obra que no futuro lhe incumbe depois de ter suprimido o Estado e o capitalismo.

Para atacar o sindicalismo a politica não recorre unicamente à violência. Recorre a outros processos que se lhe afiguram mais eficazes. O sindicalismo é uma força tam poderosa que se torna perigoso atacá-lo de frente. E' preferível la-de-lo, evolvê-lo, cercá-lo por meio de hábeis manobras. A força dissimula-se em astúcia. O combate é então mais perigoso posto que menos violento.

Os monárquicos integralistas reconheceram que o sindicalismo não era fácil succumbir aos ataques violentos. E, afirmaram-se também, sindicalistas. Tão convencidos estão da sua força que dentro do seu plano de restauração monárquica, o sindicalismo está incluído. Incluído, mas subordinado ao regime, colocado em métodos de acção que sendo a sua forma, são também a sua essência.

O sindicalismo precisa para viver, para ser uma realidade, de ser autónomo. A sua autonomia é para ele uma questão vital. Perdê-la é — a morte. A função do militante sindicalista é defender a sua autonomia; e para a defender tem de lutar contra toda e qualquer subordinação politica. O militante sindicalista não pode nem deve perder de vista que o sindicalismo é independente e antagonico da politica.

O Suplemento literário e ilustrado de "A BATALHA"

Está sendo esperado com grande ansiedade o Suplemento literário e ilustrado de A BATALHA, que a partir do próximo dia 3, iniciará a sua publicação.

Temos recebido cartas de incentivo que nos animam e nos servem de garantia do êxito que o Suplemento irá ter e da impressão agradável que irá causar não só nos meios operários, como no seio daqueles que amam a arte e a literatura.

O Suplemento de A Batalha será o companheiro espiritual do operário, que o ajudará a resolver os problemas de maior transcendência, que o colocará em contacto com os trechos da mais alta literatura, que o identificará com toda a vida intelectual moderna.

Todos os operários que desejam ilustrar-se e adquirir acerca dos múltiplos aspectos da vida uma visão mais ampla e opiniões mais sólidas encontrarão no Suplemento de A Batalha, que se publicará pontualmente todas as segundas-feiras a uma satisfação dessas legítimas aspirações.

O Suplemento de A Batalha, que se venderá a um preço acessível, será digno de figurar nas bibliotecas dos trabalhadores estudiosos e constituirá uma fonte educativa que ninguém deve desprezar.

Pró-presos por questões sociais

Comissão Central
Reúne hoje pelas 20 horas, esta comissão, para assuntos que se prendem com o auxilio a prestar aos camaradas presos.

Os ferroviários do Sul e Sueste realizam duas importantes sessões em Faro e em Beja

Preconiza-se com entusiasmo a leitura de "A Batalha", órgão do proletariado de todo o país

FARO, 18. — Por convocação da Comissão Executiva da sede do Sindicato reúnem os ferroviários do Algarve em assembleia magna hoje, pelas 15 horas. Com uma boa assistência da qual fazem parte algumas senhoras, tomou a presidência o ferroviário Ventura Romão da Silva, chefe de estação, um dos atingidos pelas represálias de Plínio Silva, que o transferiu para a estação da Funcheira como sub-chefe, secretariado por Manuel Rodrigo Coelho e Manuel Cabrita. Foram lidas muitas credenciais do pessoal da linha apoiando as resoluções a tomar.

Usou da palavra José Nobre Madeira, como representante da Delegação de Faro. Referiu-se à atitude tomada pelos ferroviários do Algarve, com a qual se congratula, à atitude de Plínio Silva e ao último movimento de protesto definido a altivez dos ferroviários, da ridícula figura que os engenheiros fizeram.

Martins Rosa Júnior aprecia a conduta do pessoal superior, fazendo várias demonstrações sobre as perseguições exercidas por esses indivíduos. Ataca os traidores da classe e põe em destaque a conduta moral de muitos úteis.

Segue-se António Santos, que, a propósito do último movimento, entende que se devam empregar meios suadouros e não se fazerem protestos pela greve como o que se fez em 3 de Outubro. Depois de várias considerações faz algumas insinuações sobre os membros do comité de Faro, tendo a assembleia protestado enérgicamente contra a atitude do orador, havendo ápartes violentos provocados pela discordância da assistência com as suas palavras.

José Nobre Madeira voltou a falar e iniciou a assembleia sobre os factos citados pelo orador anterior, repudiando algumas acusações que lhe foram feitas.

António Domingos Macau analisa também o movimento de protesto do dia 3.

Miguel Correia saudou os ferroviários do Algarve pela sua atitude no último movimento e desenvolve todos os assuntos ali ventilados.

Respondendo ao ferroviário Santos e aclarando os pontos que elle pretendia

atingir. Alude detalhadamente a toda a acção desenvolvida antes do movimento e termina por ler as moções aprovadas na assembleia do dia 14 do corrente, que são também aprovadas.

E' lido um documento pelo qual a assembleia protesta contra a colocação em Alcaniz do encarregado de contabilidade Manuel Pancadilha Júnior, como chefe da estação, o que constitue uma imoralidade por este ferroviário ter dalf sido transferido pela prática de

movimento último, incitando a classe a manter-se unida para o triunfo dos seus direitos.

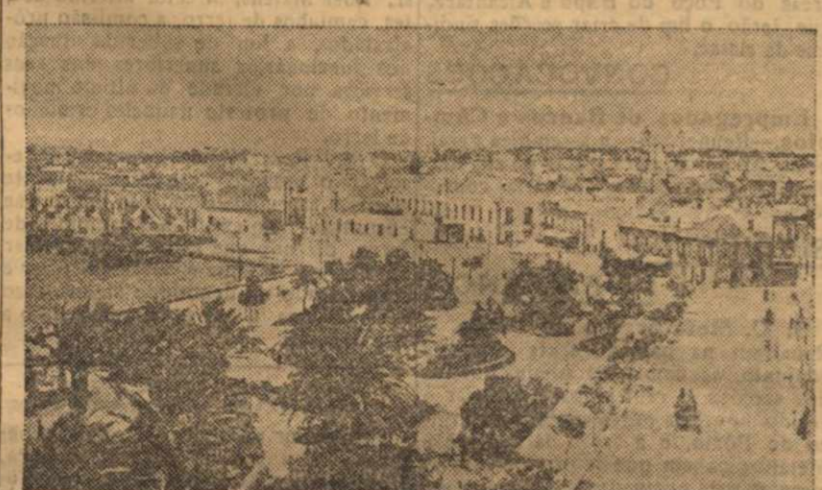
António Domingos Macau, alude também ao último movimento, afirma a necessidade de o pessoal não se atemorizar porque a luta deve sempre manter-se.

Referiu-se ao órgão dos trabalhadores de A Batalha, afirmando a necessidade de os ferroviários a lerem não só quando trata do seu interesse mas sim

a conseguir anular ou modificar, porque mantendo-se indiferente tem um chicote sobre o dorso.

Depois de se alargar em várias considerações, foram aprovadas por unanimidade as moções aprovadas nas assembleias de Faro e Beja e mais a seguinte: «Aprovar aquelas resoluções e realizar toda a acção que se torne necessária para tomarem em validade as reclamações já apresentadas».

José Santo Carreto apresenta uma moção de protesto contra a permanência de Manuel Pancadilha Júnior no lugar de chefe da estação de Alcaniz, por ser uma imoralidade.



FARO — Vista parcial da cidade

em todo o momentos, porque a manutenção de A Batalha depende do esforço de todos os trabalhadores.

Miguel Correia, referiu-se à acção desenvolvida pela Delegação de Beja, dizendo haver a necessidade dum saneamento naquela área, porque a influência de certos traidores, por vezes contribuem para que não se realize um trabalho que satisfaça a necessidade da classe.

Se bem que o pessoal tivesse aderido ao movimento, é preciso que o pessoal saiba o que quer e se comprometer que o momento é mais de obras do que de palavras. Faz a história do movimento de 3 de Outubro alargando-se em considerações e refere-se às inconveniências da nova organização, documento verdadeiramente atentório do direito dum classe, facia a classe a preparar-se para

Secretariado Nacional de Assistência Juridica e de Solidariedade
Reúne este secretariado que deu despacho a variado expediente existente e analisou detalhadamente a situação dos presos, (cujo resultado vem noutro local). Em consequência das demarches ontem terem acabado muito tarde, não pôde um dos advogados dar a consulta como de costume e o outro advogado estar em Torres Vedras a tratar de um julgamento de um confederado metalinguico.

Este secretariado não descansará enquanto não for tratado a valer da situação dos presos sem culpa formada, podem disso ficar certos os presos nessas condições, e de outros que aguardam julgamento.

Duas misérias morais

Perante as ameaças dos armadores, o «Diário de Notícias» rasteja miseravelmente e apressa-se a atraçoar a verdade

O povo que ponha os olhos nisto!

O documento, cujo «fac-símile» hoje publicamos, revela duas misérias morais, que não chegam a fazer revoltar — que apenas enojam.

A razão dos grevistas é tam flagrante, tam clara, tam forte, que o próprio Diário de Notícias, por vezes em algumas locais referencias ao assunto a deixou antever.

Associação dos Armadores de Neves
Lisboa, 17 de Novembro de 1923

Cumpre ao committido a 1.ª vez com a renovação da renovação de todos os sócios legítimos de Associação por immemorabilidade resolvido suspender a publicação do processo de todos os armadores no Diário de Notícias para forma parcial como ali se tem feito a reportagem da greve marítima — como protesto contra a usurpação que inintencionalmente a aquelle jornal se vem fazendo de que os legítimos interesses no manutimento da mesma greve em que duas classes de Armadores e Agentes tem mantido a mais absoluta unidade e solidariedade internacional em quem todos se notam a exacta afirmação de que com o movimento não está ganhando os Agentes.

Umas fo deliberação que o restal licitamente do armadores no poder realizar-se em unidade de nova resolução desta, ameaça

Esperamos que a 2.ª reunião do conflicto, não colidirá a publicação no Diário de Notícias sem renovação de decisão da colectividade nisse sentido

Com... — mais consideração

zão porque os marítimos de longo curso há mais dum mês lutam contra a ganância dos armadores. Todas as pessoas que sabem quão baixos e repugnantes a ganância tornou os homens de dinheiro está ao lado dos grevistas, Aos armadores, porém, como alguns grevistas demonstraram nestas colunas, convém que a verdade se revele. E' as parcelas de verdade que o Notícias, jornal conservador, órgão da opressão, deixou antever, irritou-os

Comunistas que abandonam o seu partido

Escreve-nos Ernesto Bonifácio, dizendo que, «filiação há três anos no partido comunista e consequentemente na I. C., de quem foi um entusiasta aderente, a partir desta data se considera desligado do referido partido».

Alberto Júlio das Neves, prêo em São Julião da Barra, também nos declarou, por escrito, abandonar temporariamente o partido comunista.

José Ramos Júnior, discordando das irradiações ultimamente feitas, declarou-nos que se desliga da organização comunista.

Em face das resoluções do Congresso ao partido comunista, das quais discorda, Caetano Rodrigues Júnior considera-se desligado do mesmo partido.

Anibal Barbosa Cardoso, do Porto, declara que, «desgostoso e desiludido» abandona o partido comunista.

Classes que reclamam

Ferrovários da C. P.
Entrevistou-se no dia 20 com o ministro do Comércio a comissão eleita em assembleia magna de 5 do corrente e que trata do conflito suscitado com as demissões do secretário geral do sindicato e relator da comissão de melhoramentos.

Novamente hoje se entrevistará com o referido ministro sobre o mesmo assunto

OS PRESOS

esperam que a sua situação seja regularizada rapidamente, isto é, a liberdade que a sua inocência merece

O presidente do ministério mantém as suas promessas

A sub-comissão de assistência jurídica do Secretariado Nacional de Assistência Juridica e Solidariedade, acompanhada dum dos advogados fez ontem mais uma «demarche» junto do presidente do ministério e do governador civil para que seja definitivamente esclarecida a situação jurídica dos presos por questões sociais que não foram ainda pronunciadas e se encontram nesta irregular situação há muitos meses. O sr. Ginelast Machado informou a comissão de que as suas declarações no Parlamento não eram simples retóricas, mas tinham sido feitas para se cumprir, estando no propósito de não afastar da constituição nem das demais leis da República; e que a respeito daquele assumto já falara com o governador civil para que se regularizasse imediatamente a situação dos presos, conforme o que fosse legal. Prometem o presidente do ministério insistir nessa recomendação e pedir ao ministro da Justiça que promova a regularização judicial dos presos que estão para julgamento, e que não tem tempo julgados por não funcionar o Tribunal de Defesa Social.

O governador civil confirmou a sub-comissão os desejos do presidente do ministério de que a lei seja cumprida e prometeram enviar todos os seus esforços para que dentro de poucos dias a situação jurídica de todos os presos ficasse regularizada, sendo postos em liberdade.

Rectificação
Nascimento Cunha escreveu-nos uma carta esclarecendo que as demarches feitas junto do governador civil eram tentativas a conseguir a libertação de todos os presos que se encontram em São Julião da Barra, e não apenas dos seus correligionários, como erradamente informámos. Diz ainda a mesma carta que o governador civil lhe garantiu que dentro de seis dias — prazo que expira amanhã — os presos seriam postos em liberdade.

Uma saudação
Na última assembleia magna realizada na Delegação Ferroviária de Beja, foi aprovada por unanimidade uma saudação aos presos, vítimas do ódio do António Maria.

Até ao ponto de tomarem a resolução de não tornar a anunciar naquele periódico. O autógrafa que publicamos é a prova iniludível dessa resolução ditada pelo rancor dos que pretendem esmagar os grevistas; é a demonstração palpável da miséria moral desses armadores.

E o Diário de Notícias? Que atitude tomou? É dum jornal independente que se diz órgão da opinião pública, defensor da verdade?